

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE BACHARELADO EM ARQUIVOLOGIA

SARAH DUARTE LOPES GUIMARÃES

MEMÓRIAS VIVAS: OS CORDÉIS DE JOSÉ COSTA LEITE

João Pessoa – PB

2015

SARAH DUARTE LOPES GUIMARÃES

MEMÓRIAS VIVAS: OS CORDÉIS DE JOSÉ COSTA LEITE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado em Arquivologia do Centro de Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharela em Arquivologia.

Orientadora: Prof.^a Ma. Danielle Alves de Oliveira

João Pessoa – PB

2015

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

G963m Guimaraes, Sarah Duarte Lopes
Memórias vivas [manuscrito] : os cordeis de José Costa Leite /
Sarah Duarte Lopes Guimaraes. - 2015.
28 p. : il.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Arquivologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas, 2015.

"Orientação: Profª. Ma. Danielli Alves de Oliveira,
Departamento de arquivologia".

1. Cordel. 2. José Costa Leite. 3. Patrimônio. I. Título.

21. ed. CDD 398.5

SARAH DUARTE LOPES GUIMARÃES

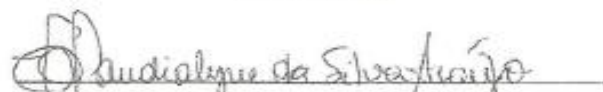
MEMÓRIAS VIVAS: OS CORDÉIS DE JOSÉ COSTA LEITE

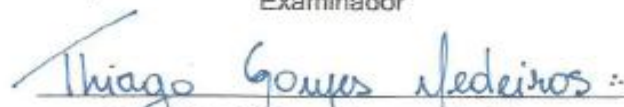
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado em Arquivologia do Centro de Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharela em Arquivologia.

Aprovada em ____/____/____

Banca Examinadora:


Prof.ª Ma. Danielle Alves de Oliveira
Orientadora


Prof.ª Ma. Claudialyne da Silva Araújo
Examinador


Prof. Esp. Thiago Gomes Medeiros
Examinador

MEMÓRIAS VIVAS: OS CORDÉIS DE JOSÉ COSTA LEITE

RESUMO

A presente pesquisa tem o objetivo de conhecer o acervo pessoal de cordéis e xilogravuras de José Costa Leite, caracterizando esses documentos como um relevante patrimônio cultural do povo nordestino. Para embasar teoricamente o estudo, fizemos uso de autores como Pierre Nora (1993), Murguia (2008) e Galindo (2005), Paes (2004), Belloto (1998), Diniz (2006) entre outros. Trata-se de um estudo empírico, do tipo exploratório-descritivo e abordagem qualitativa. Após o levantamento dos dados, encontramos sessenta e quatro obras e dividimos em cinco temas centrais. Por fim, concluímos que apesar de poucos trabalhos que discutem a temática, é fundamental ampliar as relações entre Arquivologia e Literatura de Cordel. Outrossim, percebemos a relevância das informações dos cordéis para a construção da memória local.

Palavras-chave: Cordel. José Costa Leite. Memória. Patrimônio

1 INTRODUÇÃO

Desde os primórdios da vida em sociedade o homem vem demonstrando o interesse pela preservação da memória. A priori, a salvaguarda deste atributo se dava pela transmissão oral dos *mnemones*¹. Neste sentido, “quase todo o edifício cultural estava fundado sobre a lembrança dos indivíduos e a inteligência, nessas sociedades, estava identificada com a memória - sobretudo a auditiva”. (MONTEIRO; CARELLI; PICKLER, 2008, p. 3).

Com o passar dos anos e o surgimento da escrita, a memória passou a ser registrada em material perene, dando origem aos primeiros espaços reservados a guarda e conservação dos documentos. Entende-se por arquivo o conjunto de documentos produzidos e recebidos por órgãos públicos, instituições de caráter público e entidades privadas, em decorrência do exercício de atividades específicas, bem como por pessoa física, qualquer que seja o suporte da informação ou a natureza dos documentos (BRASIL, 1991).

Apesar da maioria dos estudos na área de Arquivologia contemplarem os arquivos públicos, há uma necessidade cada vez mais latente pela preservação de acervos pessoais. Segundo Heloísa Bellotto (2006, p. 256) arquivos pessoais são os “papeis ligados à vida familiar, civil, profissional e à produção política e/ou intelectual, científica, artística de estadistas, políticos, artistas, literatos, cientistas etc” que estão relacionados à vida cotidiana, social, religiosa, econômica e cultural de uma personalidade.

Diante da diversidade cultural do Brasil, os acervos pessoais, possuem espécies documentais bem diversificadas. No nordeste, há muitas instituições e pessoas físicas, que possuem acervos de cordéis. A palavra cordel é um diminutivo de corda, local onde eram colocados os folhetos para exposição nas feiras livres, prática que era muito comum no nordeste do século XX. Carneiro (2011, p. 6), afirma que este tipo de literatura “é uma fonte de conhecimento inesgotável e uma espécie documental merecedora de tratamento adequado para a preservação e disseminação do conteúdo”.

¹ Mnemones” ou funcionários da memória, são aqueles que são utilizados pelas cidades como magistrados encarregados de conservar na sua memória o que é útil em matéria religiosa (nomeadamente para o calendário) e jurídica. (LE GOFF, 2007).

Neste sentido, o presente artigo tem por objetivo conhecer o acervo pessoal de cordéis e xilogravuras de José Costa Leite. Para atingir a finalidade do trabalho, objetiva-se especificamente verificar os temas dos cordéis, analisar a importância das informações nos cordéis para a construção da memória local e apontar a produção de José Costa Leite como patrimônio cultural.

Ao que consta em sua biografia, no site da Casa Rui Barbosa², José Costa Leite nasceu no dia 27 de julho de 1927, em Sapé, no estado da Paraíba, e em 1938 mudou com a sua família para Pernambuco, fixando residência em Condado, cidade onde mora até hoje. Ele viveu um período de grandes acontecimentos, tanto no Nordeste, quanto no Brasil inteiro, como, por exemplo, uma crescente urbanização no país, greves e revoltas trabalhistas.

O cordel retrata acontecimentos locais numa perspectiva regionalista. Segundo Maia et.al (2012, p. 88) o cordel “destaca-se como uma forma de representação do homem popular, sob a perspectiva dos seus dilemas, da sua leitura de mundo, da resistência em manter viva a tradição e a sua voz”. Diante do exposto, a pesquisa traz a seguinte questão: **Os cordéis de José Costa Leite contêm fatos históricos importantes para a ressignificação da memória do povo nordestino?**

O interesse pela vida e obra deste autor, surgiu após sugestão da professora Francinete Fernandes³, no primeiro semestre de 2014. Ao iniciar a pesquisar sobre a vida e as obras do autor, foi surgindo ainda mais interesse pelo artista, por perceber, a sua importância cultural. Ao completar 80 anos, em 2007, foi homenageado na Paraíba, juntamente com o escritor Ariano Suassuna e recebeu o título de Patrimônio Vivo de Pernambuco. Esse título é o reconhecimento máximo de um artista de múltiplos talentos, que fez da poesia e da beleza a matéria-prima de seu labor.

Deste modo, é preciso desvendar o acervo deste artista para valorizar a sua vida e obra, mas principalmente, para apresentar a relevância destes documentos para a ressignificação da memória coletiva. Para Le Goff (2007), a memória acaba por estabelecer um “vínculo” entre as gerações humanas e o “tempo histórico que as acompanha”. Esse vínculo que se torna afetivo possibilita que essa população passe

Site encontrado no endereço

http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/JoseCostaLeite/joseCostaLeite_biografia.html

³ Professora efetiva do Departamento de Arquivologia da UEPB.

a se enxergar como “sujeitos da história”, que possuem assim como direitos, também deveres para com a sua localidade.

2 ARQUIVO COMO ELEMENTO DE MEMÓRIA

O arquivo é um dos alicerces do que Pierre Nora (1993) vem chamar de lugar de memória. Contudo, vale salientar que os lugares por ele transcritos são percebidos em uma tríplice acepção: são **lugares materiais** onde a memória social se ancora e pode ser apreendida pelos sentidos; são **lugares funcionais** porque tem ou adquiriram a função de alicerçar memórias coletivas e são **lugares simbólicos** onde essa memória coletiva se expressa e se revela. Portanto, os arquivos são os espaços (físicos e simbólicos) no qual a memória é ressignificada.

O arquivo tem como objeto a informação, e tem o objetivo de salvaguarda-las, preserva-las, armazena-las, dissemina-las e ainda proporcionar uma reorganização das mesmas, promovendo assim o encontro dos usuários com a memória coletiva.

Desde os primórdios da vida em sociedade o homem vem apresentando a necessidade de registrar o seu dia a dia como forma de preservar a memória do seu grupo. Graças ao registro de fatos de algumas pessoas do passado, hoje é possível conhecer fatos que compõem a história da humanidade. Assim, o arquivo é reconhecidamente um artefato de memória.

Em consonância, Eduardo Murguia assevera:

A memória se cristaliza no traço, pelo vestígio, na materialidade do registro, na visibilidade da imagem. O que nós chamamos de memória, é de fato, a constituição gigantesca e vertiginosa do estoque material daquilo que nos é impossível lembrar, repertório insondável daquilo que poderíamos ter necessidade de nos lembrar (MURGUIA, 2008, p. 38).

Contudo, apesar da relevância dos arquivos para a preservação da memória, percebe-se ainda hoje um descaso no que tange a conservação dessas informações. Acervos valiosos para a memória coletiva estão mal conservados, e se destruindo pelos agentes físicos, ambientais e pela falta de seleção e organização.

E não só os documentos físicos como também o ambiente de guarda muitas vezes são inapropriados, tais como subsolos. Devido a essas situações, na qual os usuários se deparam ao procurar um arquivo, é que se mantém o velho pensamento de que ele é um depósito desorganizado e empoeirado. Situações como essas, vêm contribuir para a desvalorização do profissional de arquivo.

No artigo *Tragédia da Memória*, o pesquisador Marcos Galindo (2005) também discute a falta de políticas de preservação e afirma que se:

Não mantermos uma relação de respeito para com os recursos de nossa memória, se não temos fidelidade com o passado, certamente não teremos a comiserção do futuro. A fidelidade com a história é um ato de preservação, fixador da identidade, e se não construímos nossa identidade histórica, teremos, em breve, que buscar em outrem a identidade que não ousamos tomar do nosso passado (GALINDO, 2005, p. 7).

Portanto, é fundamental garantir que as informações produzidas estejam acessíveis na posterioridade, uma vez que os arquivos configuram-se como um rico patrimônio da humanidade. E, para que possamos ter um acesso mais eficaz às informações, é preciso que se crie uma conscientização por parte da sociedade com relação a importância do arquivo como um lugar de preservação da memória.

2.1 REFLEXÕES TEÓRICAS ACERCA DE ACERVOS PESSOAIS

De acordo com a lei 8.159, de 08 de janeiro de 1991, consideram-se arquivos privados o conjunto de documentos produzidos ou recebidos por pessoas físicas ou jurídicas, em decorrência de suas atividades (BRASIL, 1991). Ou seja, são aqueles mantidos por instituições de caráter particular.

Para tanto, Paes (2004) assevera que segundo as entidades a que estão vinculados, os arquivos podem ser classificados em: institucionais, comerciais ou pessoais. Na presente pesquisa a reflexão está alicerçada nos arquivos de caráter pessoal.

Em *Arquivos Pessoais em Face da Teoria Arquivística Tradicional: debate com Terry Cook*, Belloto (1998) afirma que os arquivos pessoais não tinham merecido, até duas ou três décadas atrás, a devida atenção no que diz respeito à sua existência, rastreamento, organização e divulgação. Porém, nos últimos anos, é perceptível as discussões ascendentes neste campo, inspirando até mesmo, a criação de documentários, pesquisas em diversas áreas do saber, a literatura, o teatro e o cinema.

Corroborando com a reflexão, Costa (2013, 266) comenta que a discussão sobre a criação e organização dos arquivos pessoais, torna-se relevante por se tratar de uma acumulação menos burocrática do que nos arquivos institucionais.

Para ela, a criação desses arquivos é “uma atitude pessoal de acumulação e registro, motivada pela forma de se relacionar com o mundo”.

Ainda segundo a autora,

A organização de arquivos pessoais deve buscar compreender e levar em conta motivações do produtor do arquivo, as evidências do sujeito acumulador. Aquilo que o conjunto documental desse tipo de arquivo expressa está vinculado à construção do personagem a respeito de sua biografia material. É esse personagem que origina a lógica da acumulação, o princípio da proveniência de seus guardados – os objetos biográficos. (COSTA, 2013, p.266).

Deste modo, percebe-se a necessidade cada vez mais latente dos arquivistas buscarem entender a lógica subjetiva destes acervos e ampliar os trabalhos relativos a este assunto, principalmente, devido à diversidade das tipologias encontradas nesses arquivos.

Segundo Bellotto (1989) a Tipologia Documental é a ampliação da diplomática em direção à gênese documental, perseguindo a contextualização nas atribuições, competências, funções e atividades da entidade geradora/acumuladora. No presente artigo, trataremos do arquivo pessoal de José Costa Leite formado prioritariamente de cordéis.

3 CORDEL: Refletindo sobre a Literatura Popular

Francisco Diniz mostra em sua música “Literatura de cordel”, que o cordel é uma história contada em versos, e é chamado de cordel, pois são vendidos pendurados em cordas, assim como fala de vários temas que podem possuir um folheto (DINIZ, 2006).

Literatura de Cordel
É poesia popular,
É história contada em versos
Em estrofes a rimar,
Escrita em papel comum
Feita pra ler ou cantar.

A capa é em xilogravura,
Trabalho de artesão,
Que esculpe em madeira
Um desenho com ponção
Preparando a matriz
Pra fazer reprodução.

Mas pode ser um desenho,
Uma foto, uma pintura,

Cujo título, bem à mostra,
Resume a escritura.
É uma bela tradição,
Que exprime nossa cultura.

Os folhetos de cordel
Nas feiras eram vendidos
Pendurados num cordão
Falando do acontecido,
De amor, luta e mistério,
De fé e do desassistido.

A minha literatura
De cordel é reflexão
Sobre a questão social
E orienta o cidadão
A valorizar a cultura
E também a educação.

Mas trata de outros temas:
Da luta do bem contra o mal,
Da crença do nosso povo,
Do hilário, coisa e tal
E você acha nas bancas
Por apenas um real.

O cordel é uma expressão
Da autêntica poesia
Do povo da minha terra
Que luta pra que um dia
Acabem a fome e a miséria,
Haja paz e harmonia.

Apesar de ser amplamente conhecido no nordeste brasileiro, alguns estudos denotam que esta literatura é mais antiga do que a sociedade contemporânea imagina. Segundo pesquisadores responsáveis pelo site da ABLC (Academia Brasileira de Literatura de Cordel)⁴, desde a época dos povos conquistadores greco-romanos, fenícios, cartagineses, saxões, etc, a literatura de cordel já existia, tendo chegado à Península Ibérica (Portugal e Espanha) por volta do século XVI.

Na Península, a literatura de cordel recebeu os nomes de "pliegos sueltos" (Espanha) e "folhas soltas" ou "volantes" (Portugal).

Oriunda de Portugal, a literatura de cordel chegou no balaio e no coração dos nossos colonizadores, instalando-se na Bahia e mais precisamente em Salvador. Dali se irradiou para os demais estados do Nordeste. A pergunta que mais inquieta e intriga os nossos pesquisadores é "Por que exatamente no nordeste?". A resposta não está distante do raciocínio livre nem dos domínios da razão. Como é sabido, a primeira capital da nação foi Salvador, ponto de convergência natural de todas as culturas, permanecendo assim até 1763, quando foi transferida para o Rio de Janeiro. Mais tarde, por volta de 1750 é que apareceram os primeiros vates da literatura de cordel oral. Engatinhando e sem nome, depois de relativo longo período, a literatura de cordel recebeu o batismo de poesia popular. Foram esses bardos do improvisado os precursores da literatura de cordel escrita. Os registros são muito vagos, sem consistência confiável, de repentistas ou violeiros antes de Manoel Riachão ou Mergulhão, mas Leandro Gomes de Barros, teria escrito a peleja de Manoel Riachão com o Diabo, em fins do século passado. Sua afirmação, na última estrofe desta peleja é um rico documento, pois evidencia a não contemporaneidade do Riachão com o rei dos autores da literatura de cordel. Ele nos dá um amplo sentido de longa distância ao afirmar: "Um velho daquela época a tem ainda gravada".

Deste modo, a literatura de cordel impetrou no Nordeste, no final do século XIX até meados do século XX, é, em linhas gerais, a poesia popular impressa e herdeira do romanceiro tradicional, da literatura oral (em especial dos contos populares, com predominância dos contos de encantamento). Ganhou força no Brasil, por traduzir o dia-a-dia do homem do nordeste, com simplicidade e métrica.

⁴www.ablc.com.br/historia/hist_cordel

3.1 XILOGRAVURAS: Representações de uma história contada

Segundo o Dicionário Larousse (ano) **xilogravura** é “gravura obtida pelo processo da xilografia”. Esta prática surge na cultura oriental, porém foi amplamente difundida na Europa no século XVIII e XIX. Com o processo de modernização da indústria do século XX, esta prática ficou em desuso, sendo resgatada por artistas e artesões para ilustrar a sua arte.

José Costa Leite, além de escritor, também faz as xilogravuras dos seus próprios cordéis, conforme ressalta a jornalista Maria Alice Amorim no site da interpoética⁵. Segundo a jornalista, José Costa Leite aprendeu a fazer as xilogravuras observando a matriz do poeta e xilógrafo Inácio Carioca.

Figura 1 – Capa do Cordel Minha Paraíba Amada e Minha Doce João Pessoa (Um Elogio à Mulher Paraibana)



Fonte: NUPPO/ UFPB, 2015

Figura 2 – Capa do Cordel Os sinais do Fim do Mundo e as 3 Pedras de Carvão

⁵http://www.interpoetica.com/site/index.php?option=com_content&view=article&id=112&catid=49

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para que uma pesquisa seja realizada e tenha caráter científico, faz-se necessário caracterizá-la quanto à classificação, a abordagem e o tipo de pesquisa. Neste sentido, o presente trabalho utilizou algumas metodologias e técnicas visando o delineamento eficiente para o tipo de investigação proposta.

Quanto à classificação, este estudo caracteriza-se como empírico. Demo (1994, p.21) define este tipo de pesquisa como sendo uma atividade “dedicada ao tratamento da fase empírica e factual da realidade; produz e analisam dados, procedendo sempre pela via do controle empírico e factual”. Este tipo de investigação trabalha com fontes coletadas diretamente onde os fenômenos/objeto de estudo se manifestam.

Neste sentido, algumas visitas foram realizadas a fim de fazer o levantamento dos dados da pesquisa. Para complementar os dados obtidos e caracteriza-lo dentro do universo da Arquivologia, fizemos uso ainda da pesquisa bibliográfica. Segundo Cervo, Bervian e da Silva (2007, p.61), afirmam que este tipo de estudo “constitui o procedimento básico para os estudos monográficos, pelos quais se busca o domínio do estado da arte sobre determinado tema”.

No que se refere ao tipo de pesquisa, fizemos uso do método exploratório-descritivo. Exploratório no delineamento do trabalho e descritivo na coleta e análise de dados. Os estudos exploratório-descritivos combinados “são estudos [...] que têm por objetivo descrever completamente determinado fenômeno [...]”, conforme ressalta Lakatos e Marconi (2008, p. 190).

Os dados coletados nos cordéis foram classificados em categorias a fim de verificar a incidência dos temas dos folhetos, e assim, apontar a extensão da produção de José Costa Leite. Deste modo, a pesquisa é qualitativa, por “[...] ser uma forma adequada de entender a natureza de um fenômeno social”. (RICHARDSON, 2011, p.79). Contudo, os dados numéricos também serão apresentados, apesar de não ser o objetivo da investigação.

4.1 CARACTERIZANDO O SUJEITO

Alguns pesquisadores fazem considerações sobre as obras de José Costa Leite, entre eles, Marcus Accioly e Giuseppe Baccaro. Com as palavras de Marcus

Accioly e Giuseppe Baccaro entendemos um pouco mais do universo desse poeta para ser considerado um “grande artista da palavra” da produção e veiculação de folhetos de cordel. Suas histórias refletem a importância que esse tipo de documento impresso tem para se entender passagens e acontecimentos de nossa história à medida que ele insere em sua poesia os elementos do viver, do seu cotidiano, brincando com as sacanagens, com as métricas e rimas, rindo e provocando o riso nos lábios daqueles que entram em contato com sua poesia. (HUYSSSEN, 2013, p. 07)

Dono de uma intensa sensibilidade, este homem vem superando a arte e a poesia no tocante à produção e veiculação de folhetos na Zona da Mata Norte de Pernambuco, mantendo viva a memória poética de histórias que fazem parte do Nordeste e do Brasil. São histórias que percorrem imaginários, transitando no amor, na bravura, no encantamento, no sagrado e no profano. Fiel aos seus princípios e à sua escrita poética, encontramos um cordelista que não se deixou vencer pelos idos do tempo, que acredita no que faz, gosta de contar seus gracejos e pelejas, de cantar seus versos e de encantar corações com suas histórias rimadas. Sua trajetória de vida insere-se na arte e na memória de suas andanças e experiências pelo mundo da palavra e poesia. Ao escrever seus versos, está escrevendo sua vida, seus sentimentos, alegrias, angústias e indignações. (HUYSSSEN, 2013, p. 08).

5 ACERVO DE CORDEIS DE JOSÉ COSTA LEITE

O acervo de cordéis de José Costa Leite conta com diversos exemplares, segue abaixo uma amostra representativa dividida por temas, coletada no site casa rui barbosa.

TEMA	NOME DO CORDEL
Religiosidade	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Carta misteriosa do Padre Cícero Romão ▪ Carta misteriosa do Padre Cícero Romão Batista (sobre os sinais do fim) ▪ Carta misteriosa do Padre Cícero Romão (sobre os sinais do fim do...) ▪ Estamos no fim da era ▪ Frei Damião sonhou com o padre Cícero Romão ▪ Vaca misteriosa que falou profetizando ▪ Voz de Frei Damião ▪ Voz do padre Cícero ▪ Voz do sábio francês ▪ Cabra misteriosa que falou profetizando
Romance	<ul style="list-style-type: none"> ▪ ABC do beijo ▪ Valfrido e Duinéia ▪ Valor da mulher ▪ Carta de amor fiel ▪ Casamento de Camões com a filha do rei ▪ Coração do amor e o direito de amar

- Dicionário do amor
- Mulher que me traiu
- Novo dicionário do amor
- Armando e Corina
- Boiadeiro do sertão e a filha do fazendeiro
- Boiadeiro do sertão e a filha do fazendeiro
- Vinda da besta fera

Comédia

- (variante) ABC do cachaceiro
- Alma que foi ao céu e a caveira de Adão
- Aventuras de Genival e Jovelina
- Aventuras de Renato e Euvira
- (variante) Aventuras de Renato e Euvira
- Banho da praia
- Banho da praia
- Banho gosado de beira-mar
- Beijo de mulher bonita e carinho de mulher Feia
- Boa vida do rico e a triste vida do pobre
- ABC do cachaceiro
- Casamento de Lampião com a filha do Satanaz
- Cavalo voador
- Cavalo voador ou Julieta e Custódio
- Cego e o aleijado
- Cego namorador

- Côco do boi tungão
- Côco do pinto pelado
- Defunto que foi enterrado vivo
- Diabo camponês
- Discussão de dois glosadores
- Discussão de dois glosadores Zé do bode e Chico Pança
- Discussão de João pinga fogo com Manoel Engole-Cobra
- Discussão de José Costa Leite com Apolônio Alves dos Santos
- Mocidade de hoje no goso da beira-mar
- Peleja de José Costa com a sabiá do Sertão
- Vida de lampião e Maria Bonita
- Vingança de um pai de família
- Vingança do “Conde de Monte-Cristo”
- Dez mandamentos, o pai nosso e o credo dos cachaceiros
- Briga de Antônio Silvino com Lampião no inferno

Medicina Caseira

- Ervas, sementes e frutos na medicina caseira
- Flora medicinal
- Plantas fazem milagres
- Remédio vegetais na medicina caseira
- Segredos da natureza
- Sertão, folclore e cordel

Vida no Nordeste	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Catálogo “d’A voz da poesia nordestina ▪ Histórico das escolas da comunidade ▪ Instituto Joaquim Nabuco e os Problemas do Nordeste ▪ Descrição das cidades da Paraíba
TOTAL	64 Obras

5.1 ANÁLISE DE SUAS OBRAS

Através dos títulos e da análise minuciosa das obras, é possível vislumbrar a ligação do autor com a região nordeste. A linguagem regional e os textos contemplativos também reforçam esta realidade:

“Minha Paraíba amada e minha doce João Pessoa (Um Elogio à Mulher Paraibana)”.

Meu povo paraibano
A quem chamo de irmão
A todos mando um abraço
De muito boa intenção
Digo e ninguém me proíba
Pois eu Guardo a Paraíba
Dentro do meu coração.

.....

Na capital João Pessoa
Tem Lúcia, Neide e Helena
Tem Mabel e tem Cristina
Juliana e Marilena
Tem Jovita, tem Rosana
Tem Dulcineia e Susana
Tem Renata e Madalena.

Na Paraíba tem Joelma
Tem Rosíres⁶ e tem Elvira

⁶ Aqui ele faz referencia a uma professora da UFPB e UEPB grande conhecedora da Cultura popular e que o ajudou muito em sua divulgação. Ela se Chama Rosires Andrade de Carvalho

Ana Luiza, Ana Paula
 Silvia, Eliane e Jacira
 Fátima, Ester e Marinete
 Tem Marlene e Francinete
 Marluce, Andréa e Jandira.

(...)

São gentes da Paraíba
 Nossa bela João Pessoa
 Onde canta a passarada
 Lá na beira da Lagoa
 Com o céu da cor de anil
 A Paraíba é Brasil
 E é terra de gente boa.

A Paraíba é a terra
 De muita gente de bem
 Presidente João Pessoa
 Que hoje está no além
 Ariano Suassuna
 Bom orador na tribuna
 E Pedro Américo também.

Como o cordel é pequeno
 Não dá para enumerar
 Os heróis paraibanos
 Que honraram este lugar
 A Paraíba tão boa
 E nossa bela João Pessoa
 Da gente se orgulhar.

Nossa Senhora das Neves
 Protege o paraibano
 E abençoa os seus passos
 Todos os dias do ano
 A Paraíba querida
 Que tem vida bem vivida
 Com tanto calor humano.

(...)

José Costa Leite viveu um período de mudanças no Brasil e no próprio estado da Paraíba. Com relatos pessoais, ele apresenta as dificuldades encontradas diante dos fatos. (LEITE, 2012, p. 34-35)

Com a morte do meu pai
 Piorou a nossa vida
 Minha mãe chorou bastante
 Ficou cansada, abatida
 Junto com a filharada Tristonha, desanimada
 Na sua vida sofrida
 Com a morte de meu pai
 Com muita pena eu chorei

Zefinha tinha três anos
 Se ela chorou eu não sei
 E Antonio na verdade
 Com três meses de idade
 Muito tristonho eu fiquei
 Ficou a família interia
 Sem ter alimentação
 E Antonio com seus três meses
 Sem ter leite e sem ter pão
 Se ele pegava a chorar
 Mamãe lhe dava de mamar
 Meu Deus! Que situação!

José Costa Leite escreve muito sobre suas lembranças pessoais e seu relacionamento com o espaço. Segundo Denise Almeida Silva (2011, p.161) “espaço e memória entretêm íntima relação: não há grupo nem gênero de atividade desvinculado do espaço, e a memória se enraíza na concretude do espaço, gesto, objeto e/ou imagem”.

Portanto, a sua relação com o espaço denota uma busca pelas suas raízes e a necessidade de reforçar a sua identidade dentro de um grupo.

“Quem gostar de Terra boa só quer morar em Condado” (LEITE, s/d).

A antiga Goianinha
 Que é Condado hoje em dia
 É a terra da magia
 Que o povo sempre acarinha
 Tem a cidade vizinha
 Goiana no mesmo estado Condado
 É um lugar amado
 A notícia sempre voa
 Só quer morar em Condado.
 É estrela da zona da Mata Norte
 Da zona pernambucana
 É a cidade da cana
 Seu terreno é muito forte
 Bom pra se pegar transporte
 Tem carro pra todo lado
 É o lugar apropriado
 Onde não tem gente a-toa
 Quem gosta de terra boa
 Só quer morar em Condado.

Além de reforçar a sua identidade através dos relatos de suas lembranças, José Costa Leite acaba reforçando a identidade local, ao partilhar as práticas sociais

desenvolvidas na cidade. Segundo Maurice Halbwachs (1990) os marcos da memória coletiva podem ser divididos em marcos temporais e marcos espaciais.

Tradando especificamente dos marcos espaciais da memória coletiva, percebe-se, conforme salienta o autor, que estes mantem a memória viva por mais tempo, pois é caracterizado pela lembrança ou recordação a partir de lugares.

Não é certo que para poder recordar é necessário se transportar com o pensamento fora do espaço, pelo contrário, é a imagem do espaço que, em razão de sua estabilidade, nos dá a ilusão de não mudar através do tempo, e de encontrar o passado dentro do presente, que é precisamente a forma em que pode definir-se a memória, somente o espaço é tão estável que pode durar sem envelhecer nem perder alguma de suas partes. (HALBWACHS, 1990, p. 160).

Percebe-se ainda, que José Costa Leite escreveu muito sobre a tradição do nordeste, principalmente, no que se refere às praticas culturais, tais como a medicina caseira. A materialização deste conhecimento no cordel, é uma forma de manter viva a tradição dessas praticas. Para, Le Goff:

A memória acaba por estabelecer um “vinculo” entre as gerações humanas e o “tempo histórico que as acompanha”. Esse vinculo que se torna afetivo, possibilita que essa população passe a se enxergar com “sujeitos da história”, que possuem assim como direito, também deveres para com a sua localidade (LE GOFF, 2007).

Deste modo, é possível inferir que a produção de cordéis de José Costa Leite é de suma relevância para a construção da memória local, por trazer inúmeros referentes para a consolidação das identidades. Portanto, configura-se como um importante patrimônio local que precisa ser tratado, preservado e difundido pelos arquivistas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final da pesquisa, reafirmamos a relevância da literatura de cordel como um importante patrimônio da cultura nordestina. Portanto, a sua preservação é fundamental para a ressignificação da memória social. Conforme foi apontado no estudo, percebe-se que José Costa Leite escreve fatos do seu dia a dia, porém, as suas rimas estão vinculadas a uma representação cultural: a vida do povo nordestino.

O trabalho realizado buscou conhecer, sobretudo, o acervo pessoal de cordéis e xilogravuras de José Costa Leite. Desta forma, verificamos que os principais temas estão vinculados a Vida no Nordeste, Medicina Caseira, Comédia, Romance e Religiosidade.

Assim, inspirados na concepção teórica de Paul Ricoeur (2008) que afirma que a memória deve ser cristalizada e exercitada para fugir das armadilhas do esquecimento, os cordéis se configuram como um documento essencial do processo de cristalização da memória local e consolidação das identidades, visto que retrata as práticas culturais de toda uma região, bem como, os fatos históricos locais e nacionais que influenciaram o grupo na ressignificação da sua memória. Deste modo, responde-se a problemática proposta no presente estudo.

No começo das pesquisas, eu, que não era admiradora, nem mesmo conhecedora desse tipo de literatura, passei a admirar esse acervo, não apenas pela importância enquanto documento, mas, sobretudo, por ser um patrimônio cultural de valor intangível para a sociedade brasileira.

Desta forma, ressalta-se a proeminência de continuar desenvolvendo pesquisas na área de cordel, mas principalmente, de estender as relações inerentes com a Arquivologia. Atualmente, existem dois trabalhos relevantes neste fluxo multidisciplinar: a organização e digitalização do acervo de cordéis da biblioteca Átila Albeida, construído pela professora da UEPB Manuela Maia e a tese de doutoramento da professora da UFPB Beth Baltar. Contudo, ainda é insuficiente para a demanda existente.

Nesta vertente, Maia, Azevedo Netto e Oliveira (2012, p. 100) intimam: os “bibliotecários e arquivistas são chamados a pensar sobre a informação cordelística. Do ponto de vista de suas funções técnicas, bibliotecários e arquivistas vão criando

as condições de gerenciamento sobre a informação”. Possibilitando assim, a preservação e difusão deste importante patrimônio da cultura popular.

ABSTRACT

This research aims to know the personal collection of twine and woodcuts of José Costa Leite , featuring these documents as an important cultural heritage of the northeastern people . Theoretical basis for the study , we used by authors such as Pierre Nora (1993) , Murguia (2008) and Galindo (2005) , Paes (2004) , Belloto (1998) , Diniz (2006) among others. This is an empirical study , exploratory-descriptive and qualitative approach. After the survey data , we find sixty-four works and divided in five core subjects . Finally, we conclude that although few studies that discuss the issue , it is essential to expand the relations between Archival and Cordel Literature . Furthermore , we realize the relevance of the information of twine for the construction of local memory.

Keywords: Cordel . José Costa Leite. Memory. heritage

REFERÊNCIAS

BELLOTO, Heloísa Liberalli. Arquivos pessoais em face da teoria arquivística tradicional: debate com Terry Cook. **Revista Estudos Históricos**, v. 11, n. 21, p. 201-208, 1998.

BELLOTO, Heloisa. Liberalli . **Arquivos permanentes**: tratamento documental. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

BRASIL. Lei n. 8.19 de 8 de janeiro de 1991. Dispõe sobre a política nacional de arquivos públicos e privados e dá outras providências. Diário Oficial [Republica Federativa do Brasil] Brasília, DF, 9 de jan. 1991.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino; DA SILVA, Roberto. **Metodologia Científica**. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

DEMO, Pedro. **Pesquisa e construção do conhecimento**: metodologia científica no caminho de Habermas. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.

GALINDO, Marcos. Tragédia da memória. **Massangana**, Recife, v. 2, n. 1, p. 57-62, 2005.

GIL, Antonio C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2006.

HALBWACHS, Maurice (1877-1945). **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HUYSSSEN, Andréa. Biografia, Trajetória e Memória: Histórias do Poeta José Costa Leite. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, XXVII, 2013, Natal - RN. **Conhecimento Histórico e Diálogo Social**, Natal.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A.. **Fundamentos de metodologia científica**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Unicamp, 1990

MAIA, Manuela Eugênio; AZEVEDO NETTO, Carlos Xavier de; OLIVEIRA, Bernardina Maria Juvenal Freire de. A experiência nos processos de digitalização do acervo de cordel da Biblioteca Átila Almeida da Universidade Estadual da Paraíba. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 18, n. 2, p. 85 - 104, jul./dez. 2012.

MONTEIRO, Silvana Dumond; CAPELLI, Ana Esmeralda; PICKLER, Maria Elisa Valentin. A ciência da informação, memória e esquecimento. Disponível em: <http://www.datagramazero.org.br/dez08/Art_02.htm>. Acesso em: 30.abr.2015.

MURGUIA, Eduardo Ismael (Org.). **Memória**: um lugar de diálogo para arquivos, bibliotecas e museus. São Carlos, SP: Compacta Gráfica e Editora, 2010.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Revista Projeto História**. São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

OLIVEIRA, Bernardina; ALBUQUERQUE, Maria Elizabeth. Na memória da tradição: Informação Sobre Vida e Obra de Poetas Populares Brasileiros. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, XIV, 2013. **GT 10: Comunicação oral**.

PAES, M. L. Arquivo: **Teoria e Prática**. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 2011.

ROCHA, Thaíse Sá Freire. **Refletindo sobre memória, identidade e patrimônio: as contribuições do programa de Educação Patrimonial do MAEA- UFJ**

SILVA, Denise Almeida. Espaço, memória e agência em Ponciá Vicêncio. **Revista Antares**. vol.3, nº6, jul./dez. 2011. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/antares/article/viewFile/924/948>>. Acesso em: 29 abr. 2015.